



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Educação – FE

A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA NA VISÃO DOCENTE

Any Carlyne Aragão Moraes

2012

Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Educação - FE

A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA NA VISÃO DOCENTE

Any Carlyne Aragão Moraes

2012

Any Carlyne Aragão Moraes

Função Social da escola na visão docente

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão examinadora:

Prof^a. Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz Villar
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Zuchiwschi
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Any Carlyne Aragão Moraes

Função Social da escola na visão docente

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão examinadora:

Prof^a. Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz Villar
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Zuchiwschi
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu agradeço a Deus por ter me ajudado a conciliar aulas de manhã e a noite e trabalho à tarde. Posteriormente, eu agradeço à minha família, principalmente a meus pais, Silvana e Orfeu, e à minha irmã Ana Luisa, que me deram apoio durante o curso inteiro. Agradeço também ao meu namorado Ricardo, que tem me ajudado e me dado força desde o começo do curso.

Devo agradecer também à professora da escola que estagiei, que me apoiou e me ensinou bastante, sendo muito gentil e prestativa. Agradeço à diretora da instituição pela oportunidade de realizar meu estágio na escola que ela administra. Agradeço também às crianças das turmas observadas, agradeço o carinho e as manifestações de afeto de cada um.

Agradeço o apoio das duas diretoras das instituições investigadas por terem aberto suas portas e por terem fornecido seus Projetos Políticos Pedagógicos para a realização da pesquisa. Agradeço aos professores que concederam parte do seu tempo para as entrevistas que compõem o presente trabalho.

Por fim, agradeço aos meus colegas de curso, aos professores da Faculdade de Educação e à professora Sônia, que sempre tem ideias maravilhosas quando me encontrava perdida no curso de Pedagogia.

*Se a educação sozinha não
transforma a sociedade, sem ela,
tampouco a sociedade muda.
(Paulo Freire)*

MORAIS, Any Carlyne Aragão. *A Função Social da escola na visão docente: Experiências em Brasília e do Gama*. Brasília – DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2012.

RESUMO

O trabalho busca compreender a função social da escola na visão dos docentes. A escola tem se tornado mais um espaço de exclusão social, o que não deveria estar acontecendo.

Torna-se necessário a investigação das funções do processo educacional no interior da sociedade, para então considerar as abordagens que dão conta da relação Educação x Sociedade.

Ao longo da pesquisa foram utilizados sociólogos que abordam essa temática para melhor compreender a função da escola e da educação em sua teoria. Segundo alguns deles, a escola passa a ser vista como uma das principais instituições onde se mantém e se legitimam os privilégios sociais. Sendo assim, tornou-se importante a pesquisa para saber quão informadas estão as instituições de ensino com relação ao papel que elas possuem perante a sociedade.

Como instrumentos de coletas de dados, foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, realizadas com os professores, bem como análise do Projeto Político Pedagógico dos colégios e observações participativas.

Palavras-chave: Função social, escola, desigualdade.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO.....	7
PARTE I: MEMORIAL: PASSOS DADOS PARA A ESCOLHA	9
PARTE II: MONOGRAFIA A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA NA VISÃO DOCENTE	18
INTRODUÇÃO	20
1. Capítulo I: Marco teórico: notas preliminares sobre a função social da escola	21
2. Capítulo II: Marco empírico: Reflexões sobre a coleta de dados	31
2.1. Instituição Educativa Pública: Escola do Gama	31
2.2. Instituição Educativa Privada: Colégio da Asa Sul	35
2.3. Descrição das entrevistas com os professores	38
2.4. Conclusões a respeito das entrevistas	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	50
ANEXO.....	52
PARTE III: PERSPECTIVAS FUTURAS	53

PARTE I

MEMORIAL: PASSOS DADOS ATÉ A ESCOLHA

Minha história escolar inicia-se na Região Administrativa Gama-DF, onde eu morei do dia do meu nascimento até os 6 anos. Entrei numa pequena escola particular do Gama aos 3 anos de idade, que se chamava “Escolinha do Mickey”. Lembro que eu estava muito ansiosa para o início das aulas, mas como para quase todas as crianças, a primeira semana foi um pouco difícil, pois eu não queria permanecer na escola por “saudades” dos meus pais. Estudei nessa escola até o final do Jardim III (atual 1º ano). Meu pai me alfabetizou quando eu tinha apenas 4 anos de idade, o que facilitou a minha aprendizagem na escola. Ele estimulou principalmente a leitura, porém a escrita também foi introduzida nesse período.

Pouco me lembro do período em que estive no Jardim de Infância, mas me recordo que nessa época eu estudava à tarde. A escola era próxima a minha casa e minha mãe me levava até lá a pé. Eu gostava muito de ir para a escola, interagir com os colegas e aprender coisas novas. Lá eu tinha algumas aulas extraclasse, como natação e dança. Essas aulinhas eram um estímulo a mais para o meu gosto pela escola.

Eu, minha mãe e meu pai vivíamos em uma casa nos fundos do quintal dos meus avós maternos. Eu era a primeira neta dos meus dois avós, o que me proporcionou sempre muitos mimos. Como eu morava em uma casa, não em apartamento como hoje em dia, eu sempre brincava na rua e nas casas de vizinhos que tinham crianças mais ou menos da minha idade. Eu adorava correr, soltar pipa, jogar bola e também brincadeiras mais tranquilas, tais como boneca, escolinha, casinha etc. A educação que minha família sempre me deu era com limites, mas sem exageros de proteção.

No final de 1997, meu pai recebeu um convite para morar em um apartamento na Asa Norte. O apartamento era funcional, só poderia morar nele quem fosse funcionário do Superior Tribunal Militar. Meu pai gostou da ideia, pois o apartamento era bem mais próximo do local de trabalho dele. Quando nós três (eu, meu pai e minha mãe) nos acostumamos com a ideia, fomos morar na 408 Norte.

Iniciou-se uma busca por uma escola para meu ingresso no Ensino Fundamental. Meu pai visitou algumas escolas, algumas delas não queriam me aceitar na 1ª série (atual 2º ano) por eu ter apenas seis anos de idade. Apesar disso tudo, uma das instituições me aceitou. Fui matriculada na Escola Classe 407 Norte. Essa escola fica a poucos metros da minha casa, até hoje quando passo por ela, tenho ótimas lembranças, pois fui aluna dela durante quatro anos.

Minha irmã nasceu em 1998, foi um grande choque em minha vida. Eu era filha única até os seis anos de idade e a chegada dela foi a porta para eu saber que eu não era o centro da vida dos meus pais. Eu teria que dividir a atenção deles, mas o ciúme era inevitável. O tempo se passou e essa “implicância” com a irmã mais nova diminuiu.

Na primeira série, tive duas professoras, pois a primeira aposentou-se no meio do 1º bimestre. Lembro que eu era destaque na turma, sempre “tomava a frente” nas brincadeiras, além de obter sempre ótimas notas. Nessa época, meu sonho era ser médica. Eu não sabia se médico ganhava muito ou pouco, só achava lindo o fato de alguém poder curar outra pessoa.

A partir da 2ª série, passei a frequentar a Escola Parque 210 Norte. Íamos quatro dias da semana para a Escola Classe e um dia para a Escola Parque. Eu amava ir para lá, pois haviam atividades diferenciadas. Os alunos tinham o direito de escolher três atividades, sendo duas de Educação Artística e uma de Educação Física. Ao longo desses três anos que eu passei nessa escola eu fiz Coral, Escultura, Dança, Teatro, Pintura, Teclado, Vôlei etc. A Escola Parque era também uma oportunidade para conhecer novos colegas que estudavam em outras escolas da região e que talvez não teríamos a chance de conhecer. Eu achava estranho as crianças das outras cidades não terem esse tipo de atividade. Por isso, acredito que esse modelo de Escola, com atividades mais “lúdicas”, deveria ser implementado em todas as regiões administrativas do Distrito Federal.

Eu fui a primeira da turma durante os quatro anos que estive na E. C. 407. Sempre com ótimas notas, não gostava muito de me exibir por isso, tinha muita vergonha de elogios, apesar de não ser tímida em outras situações. Eu não tinha dificuldades com nenhuma matéria nesse período, as professoras sempre solicitavam que eu auxiliasse os meus colegas. Um dos poucos problemas que eu tinha era a lentidão, eu sempre demorava muito para fazer anotações e para realizar tarefas, pois eu conversava muito durante as aulas. As professoras quase sempre reclamavam que eu, algumas vezes, atrapalhava os demais colegas.

Na 4ª série, eu tive aula com uma das professoras por quem eu tive mais carinho durante minha vida escolar. Nossa turma era maravilhosa, bastante unida. Nessa turma, conheci muitos colegas com os quais tenho contato até hoje. Contudo, dou destaque para a gincana da festa junina, o que fez com que a turma se unisse mais ainda. A professora nos levava para fazer as compras da feirinha de

guloseimas que fazíamos semanalmente para arrecadar fundos para a festa. Vencemos a gincana, como era esperado após tanto empenho de todos da turma.

Paralelamente a isso, eu fazia parte de uma turma de catequese numa pequena igreja no Gama. Tenho uma família originalmente católica, que acabou me influenciando nessa jornada cristã. Eu fazia catequese próxima a casa que eu morei, pois nessa época, nós passávamos o fim de semana na casa das minhas avós (as duas moram próximas).

O ano passou e chegou o dia da formatura do Ensino Fundamental I. Minha avó me presenteou com um anel de formatura, o que me emocionou bastante. Foi uma festa muito divertida, onde fizemos apresentações de músicas, como: “Canção da América” e “Coração de Estudante”, de Milton Nascimento e “Desejos”, de Frejat.

Na 5ª série, fui estudar na escola para a qual os alunos da 407 Norte eram transferidos automaticamente, a Escola Classe 405 Norte. Muitas coisas mudaram: a quantidade de professores, o número de alunos na turma e o ambiente. Essa escola é uma instituição inclusiva, por isso as turmas eram pequenas, comportavam mais ou menos dez alunos, sendo dois deles especiais. A escola atendia da 1ª a 4ª série de manhã e da 5ª a 6ª à tarde. Eu não gostava de estudar à tarde, mas era necessário.

O destaque nas notas continuou durante esses dois anos, mas obtive as minhas primeiras notas abaixo de 7 em história e geografia, o que me deixou um pouco triste e decepcionada comigo mesma. Meus pais, que sempre foram muito presentes, não me julgaram por não ser sempre “perfeita”.

A convivência com alunos especiais foi muito importante para o meu amadurecimento pessoal. Apesar de ter um primo e um tio especiais, acredito que o convívio escolar e diário com essas pessoas me fez amadurecer. Mesmo eu tendo apenas dez anos de idade, eu sabia que discriminação não era algo legal.

Foi também nessa escola que conheci duas das pessoas mais importantes da minha vida: Débora e Ingrid, que são minhas amigas até hoje, que sempre estiveram ao meu lado desde o início dessa amizade.

Havia algo que me intrigava bastante na professora de Matemática dessa escola. Ela dava aula, mas sempre chegava toda de branco e com uma maleta. Um dia resolvi perguntar o porquê. Ela falou que fazia faculdade de Fisioterapia, paralela a profissão de professora. Eu ficava me perguntando: “Será que ela não gosta de ser professora e está em busca de outra profissão?”. O que me fazia entender

menos o fato dela fazer outra faculdade era porque ela era uma excelente professora. Iniciou-se nesse momento a minha falta de vontade de ser professora.

Como a E. C. 405 Norte só oferecia turmas até a 6ª série, fui novamente transferida para outra escola. Fiz a 7ª e a 8ª séries no Ginásio da Asa Norte (GAN) (604/603 Norte). Nesse período as minhas dificuldades em Matemática começaram a aparecer. Eu sempre fui uma aluna que aprende durante a aula do professor, os exercícios e leituras individuais eram apenas um complemento. Na 7ª série, tive uma professora maravilhosa de Matemática, como eu tinha uma ótima base, nem tive dificuldades, mas durante a 8ª série tive um grande problema com uma professora, pois ela não tinha muita didática. Recordo-me que minhas notas estavam acima da média, mas qualquer deslize me levaria à recuperação. Essa dificuldade repentina em Matemática refletiu no Ensino de Ciências, que na 8ª série, iniciava os alunos na Química e na Física. Porém, o ano fluiu, estudei mais e eu passei direto para o 1º ano. Na 8ª série, meu pai me matriculou num cursinho de Inglês, o que fazia com que eu sempre tirasse notas maravilhosas nessa disciplina na escola. Esse cursinho me deu uma boa base de Inglês. Esses foram dois anos maravilhosos, onde conheci mais amigos que tenho até os dias de hoje.

Novamente, tive que me transferir de escola, pois o Ginásio da Asa Norte (GAN) atendia apenas da 5ª a 8ª série. Consegui uma bolsa numa escola particular, mas eu não quis ir para essa escola, o que gerou uma grande polêmica entre meus familiares. Logo depois, decidiu-se que eu iria estudar na escola pública mesmo. Fiz um ano de Inglês numa instituição particular, mas tive que sair, pois a escola do Ensino Médio para onde fui transferida exigia que fizéssemos Inglês no Centro Interescolar de Línguas 2 (CIL 2), pois a nota obtida lá iria para o nosso histórico escolar, por não ter professor de Língua Estrangeira na própria instituição, o que foi muito bom, pois eu continuei o meu curso de Inglês de graça. Sempre estudei próximo a minha casa, no Ensino Médio não foi diferente. Fui transferida para o CEAN (606 Norte).

Com apenas 14 anos, eu estava entrando no Ensino Médio, minha vida de adolescente estava apenas começando. Nesse período, eu queria estar com os amigos e estudar ficava em segundo plano. Gostava de ir ao shopping, conversar, ir a eventuais festinhas que meus pais autorizavam. Porém, as dificuldades escolares foram sendo agravadas, principalmente na área de exatas. Física, química e matemática eram um terror para mim, parecia que tudo que um dia eu havia

aprendido tinha sido apagado. A imagem que amigos e parentes mais velhos fizeram dessas disciplinas também não ajudaram muito, pois quando eu estava na 8ª série os comentários eram como: “Física e química são matérias muito difíceis, nunca entendi nada.”. Enfim, conseguiram criar uma aversão a essas disciplinas em mim. Mesmo com ótimos professores, eu não conseguia gostar dessas disciplinas. Porém, não fiquei de recuperação, mesmo passando com a média mínima em exatas. Na área de humanas, linguagem e biologia, eu tive poucas dificuldades.

No fim de 2006, fiz a primeira prova do Programa de Avaliação Seriada (PAS). Como esperado, o meu grande problema foi com a parte de exatas. Esse foi o primeiro ano que o PAS introduziu questões discursivas, o que me deixou um pouco apreensiva. Era o meu primeiro contato com prova desse estilo e com caráter competitivo.

No 2º ano, o meu problema com matemática agravou-se. Eu não gostava de estudar aquela matéria, para mim era um grande martírio, mas mesmo assim, eu sempre ia no horário contrário das aulas assistir às aulas de monitorias, mas essas aulas pouco me serviram. Quando o fim do ano chegou, eu entrei em desespero, eu corria um grande risco, de pela primeira vez, ficar de recuperação, mas eu resolvi mudar minha postura e estudar de verdade. Eu precisava de mais de 4 pontos na média para passar em matemática. Estudei tanto que minha nota foi a maior da escola na “Prova Interdisciplinar de Exatas”. Tirei 9 na média e passei direto na disciplina. Foi quando eu voltei a acreditar em minha capacidade intelectual. A expectativa para o PAS aumentava a cada ano. Eu comecei a focar minhas atitudes com o objetivo de ingressar na UnB.

No 3º ano, eu decidi pedir a meu pai que me matriculasse em um cursinho pré-vestibular, pois infelizmente, o ensino que a escola me oferecia não era suficiente. Meu pai assim o fez, matriculou-me num cursinho. As aulas do cursinho eram, em sua maioria, muito legais, com professores empolgados e com bastante bom humor. Assim, meu interesse pelos estudos aumentou.

O ano foi muito especial, a escola realizou uma grande gincana, envolvendo esportes, atividades culturais e arrecadação de mantimentos para a festa junina. Nossa turma era bastante unida, todos eram amigos. A nossa professora conselheira também era maravilhosa e envolvida, a participação dos professores nessa gincana era efetiva. Nossa turma venceu a gincana, que tinha como prêmio um passeio ao clube, com almoço e lanche. Para todos nós não importava muito o

prêmio, mas sim o que essa gincana proporcionou: a união de pessoas tão distintas e, ao mesmo tempo, tão parecidas.

O ano de 2008 foi um ano de perdas para o CEAN, pois após anos de luta para manter os laboratórios de biologia, física e química funcionando, a Secretaria de Educação conseguiu que eles fossem fechados. Os laboratórios eram a pequena chance que tínhamos de ter contato com a prática. Sabemos que essas são disciplinas mais complicadas para os alunos, então, com o suporte prático dos laboratórios era mais prazeroso aprender a teoria. Os professores que cuidavam e davam as aulas nos laboratórios foram transferidos para outras instituições de ensino.

O fim do ano se aproximava e a colação de grau foi repleta de emoções, professores e alunos estavam, em sua maioria, bastante emocionados. O dia do baile de formatura finalmente havia chegado. Foi uma festa organizada na última hora e que deu certo. Tudo estava impecável: a decoração, a música, a alegria dos funcionários e professores da escola de terem mais um ano de “tarefa cumprida”. Logo depois, foi realizada uma “aula da saudade”, onde fomos ao clube e confraternizamos com professores e colegas.

Aproximava-se o momento em que eu teria que escolher o curso que eu iria concorrer no PAS. Minha nota de corte não havia sido muito alta nos dois primeiros anos, daria para eu escolher entre as licenciaturas e alguns outros cursos. Eu resolvi escolher Pedagogia por ser um curso mais abrangente do que os outros que eu tinha como opção.

O ano passou e o dia da prova do PAS havia chegado. Fiz a prova tranquilamente, bem como a redação. Eu estava com o pensamento positivo com relação ao resultado, sabia que tinha boas chances de aprovação.

O dia do resultado chegou e eu estava reunida com alguns amigos, sem acesso a internet. Eu lembro que estava muito ansiosa para saber se havia sido aprovada. Eu estava na casa do meu amigo quando recebi uma ligação de uma colega de cursinho. Ela disse que viu meu nome na lista de aprovados disponibilizada no campus Darcy Ribeiro da UnB. A alegria tomou conta de mim. Iniciou-se, assim, as várias ligações para minha família. Meus pais ficaram muito felizes com a notícia e começaram a dar a notícia ao restante da família. Como o resultado do PAS havia saído antes do dia da prova do vestibular e eu havia

colocado a mesma opção de curso em ambas as provas, eu não fui prestar o vestibular.

Ao descobrir que havia sido aprovada no PAS, eu resolvi entrar na comunidade de Pedagogia da UnB que existia no Orkut para inteirar-me dos assuntos da Universidade e do próprio curso. Ao fazer isso, conheci alguns veteranos e alguns colegas que estavam entrando junto comigo. Os veteranos foram bastante prestativos e esclareceram as dúvidas que eu tinha a princípio.

O semestre começou e a nossa turma era muito animada, tudo era motivo para empolgação. Eu tive vontade de cursar mais uma disciplina além das ofertadas aos calouros, pois alguns veteranos haviam me informado que o primeiro semestre é um semestre mais tranquilo. Optei por História da Educação, que é geralmente ofertada no segundo semestre. A disciplina mais marcante que eu tive no primeiro semestre foi Antropologia da Educação, onde a professora solicitou um tipo de pesquisa que eu nunca havia feito. Nós alunos fomos a campo, entrevistamos pessoas e apresentamos os resultados em sala. Foi uma experiência muito interessante.

No segundo semestre, eu ainda estava com a empolgação de aluna recém-chegada. Eu gostava muito de estar em ambiente universitário e acreditava que eu poderia mudar mundo com o conhecimento adquirido ali. As disciplinas feitas nesse semestre foram: Psicologia da Educação, O Educando com Necessidades Especiais, Educação Matemática 1, Pesquisa em Educação 1, Organização da Educação Brasileira e Projeto 2. Para mim, foi um dos semestres mais proveitosos do curso, pois eu não cursava muitas disciplinas e tinha tempo para dedicar-me a todas elas sem muitos problemas.

No terceiro semestre, senti a necessidade de iniciar o meu contato com a vida profissional. Algumas colegas de semestre haviam acabado de começar a estagiar em uma instituição particular e me indicaram para uma das vagas de estagiárias que estava disponível no colégio. Realizei o processo seletivo e fui aprovada. Fui designada para uma turma de 5º ano, onde eu era assistente. A turma era maravilhosa e rapidamente conquistei a confiança deles e da professora regente. Porém, algo me incomodava naquele sistema, mas não sabia bem o que era.

Nesse mesmo semestre, realizei o Projeto 3, fases 1 e 2, com duração de 90 horas cada, que foram realizados com observações de um colégio público e um relatório de como se dava o trabalho dentro de uma escola capitalista. Nesses

projetos pude conhecer mais um campo de estudos da Educação, a Economia Solidária. Fiquei muito feliz, mesmo por acaso por ter feito este projeto ao lado da professora Sônia Marise e dos demais colegas. Hoje vejo o mundo de uma maneira mais crítica, principalmente nos ambientes onde vivo. Desde o ambiente familiar e acadêmico até o ambiente de trabalho. No início do semestre, a professora nos informou sobre o que seria o Projeto 3 e suas fases, o que foi de grande esclarecimento para toda a turma. No terceiro semestre também fiz a disciplina de Sociologia da Educação que tornou-se um complemento aos projetos de Economia Solidária. Foi nesse momento que iniciou-se meu interesse pela área da Sociologia da Educação e por investigar qual é o verdadeiro papel da educação na vida das pessoas.

Em 2010, tivemos uma grande greve de professores e funcionários, o que acabou comprometendo os dois semestres letivos, que ficaram mais corridos do que de costume. No quarto semestre, cursei as seguintes disciplinas: Educação em Geografia, História da Educação Brasileira, Processo de Alfabetização, Ensino de Ciência e Tecnologia, Educação e Linguagens Tecnológicas e a fase 3 do Projeto 3, novamente em Economia Solidária, também com 90 horas de duração. Desta vez, o projeto foi realizado como uma apresentação de soluções para as problemáticas apresentadas no relatório do primeiro semestre de 2010. O relatório descrevia tudo o que foi visto por mim e pelas colegas no ambiente em que trabalhávamos.

O ano de 2010 foi um ano muito difícil para mim, eu havia me decepcionado com o curso e com a realidade da desigualdade social, que eu sabia que existia, mas com as experiências que tive, pude ver de perto o fato. Uma das poucas coisas que me confortavam era o Projeto de Economia Solidária. No primeiro ano de curso eu acreditava no poder da mudança, já no segundo ano eu me sentia impotente diante da extrema desigualdade de oportunidades, que é uma realidade presente no mundo atual.

No quinto semestre, resolvi sair do estágio, pois eu estava com o propósito de adiantar o curso e dedicar-me mais a Universidade. Decidi cursar disciplinas fora da Pedagogia. Optei por duas fora do departamento, sendo elas: Introdução a Administração e Introdução a Linguística. Introdução a Administração foi indicada pelo meu namorado, que fazia o curso de Administração e comentou que seria uma disciplina interessante para uma futura pedagoga cursar, com o objetivo de ter noções de gestão. Paralela a essa disciplina, eu estava cursando duas matérias

obrigatórias do curso, sendo elas: Administração das Organizações Educativas e Políticas Públicas de Educação, que tinham bastante ligação com a disciplina do curso de Administração.

Ainda no quinto semestre, recomendaram-me uma empresa que oferece aulas particulares e que seleciona alunos universitários para serem os professores. Como a empresa era bastante flexível com relação a horários, mandei meu currículo para seleção. Fui chamada para entrevista, realizei as outras etapas do processo seletivo e fui aprovada. A experiência de dar aula particular é muito diferente, pois você se envolve com os alunos de forma direta e pode conhecer a maioria das dificuldades que eles têm.

No sexto semestre finalizei minhas disciplinas obrigatórias e realizei primeira fase do projeto 4 em sala de aula, que teve duração de 120 horas, 90 dessas horas foram cumpridas em sala de aula, através de observações participativas e aulas ministradas. A oportunidade de poder fazer a diferença me instigou a procurar uma turma para estagiar que atendesse às minhas demandas: eu procurava uma série na qual eu nunca havia tido contato (como estudante de pedagogia), uma escola pública, que foi aonde eu estudei minha vida inteira. Foi nesse semestre que observei que daria para eu me formar no semestre seguinte.

Toda a minha vida escolar, universitária e profissional me trouxeram à temática deste Trabalho Final de Curso: ter estudado em escola pública, ter feito o projeto de Economia Solidária, minhas experiências em salas de aulas de escolas públicas e particulares influenciaram em minha escolha. Afinal, qual a função social da escola? Seja ela pública ou particular. Essa pergunta sempre esteve presente em minha trajetória. Porém, a ideia de investigar essa temática só surgiu no meu penúltimo semestre de curso.

PARTE II

MONOGRAFIA: A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA NA VISÃO DOCENTE

INTRODUÇÃO

A pesquisa é uma das ferramentas para a construção do conhecimento. É importante considerar a relevância das temáticas estudadas para a formação dos futuros professores que atuarão nos diversos espaços educativos.

A importância dessa pesquisa está em contribuir com os interessados na área, sendo o principal objetivo dessa análise investigar a função social da escola. Pesquisar essa temática torna-se importante quando, por falta de informação e/ou de interesse, os professores não conhecem o verdadeiro papel que a escola tem perante a sociedade.

A escola, principalmente a pública, é um espaço democrático dentro da sociedade contemporânea. Porém, é preciso chamar a atenção para a realidade vivida por grande parte dos estudantes brasileiros. A escola deixou de ser um espaço neutro e passou a ser um espaço competitivo.

O papel da escola se modificou ao longo dos anos acompanhando os avanços e necessidades da sociedade, mudanças essas que foram significativas para o país, principalmente no que diz respeito ao funcionamento e acesso à população brasileira ao ensino público.

Novas formas de organização da sociedade foram surgindo, fazendo com que desaparecessem os interesses comuns aos membros de um determinado grupo, assim o processo educativo que era único passou a ser dividido pela desigualdade econômica, separando os burgueses dos trabalhadores. Muito embora, houvesse ocorrido esta fragmentação da educação no passado, impostas pelo capitalismo, hoje nos vemos diante da escola como fator social influenciada pelas transformações do homem e da sociedade.

Com os avanços da sociedade, a escola vem assumindo várias características e o seu papel vem gerando dúvidas. Nesse sentido, torna-se necessário conhecer o espaço escolar e responder a algumas perguntas: Para que serve a escola? Qual a sua função social? Como os alunos e a comunidade tem se beneficiado da escola? A escola tem cumprido seu papel?

O projeto justifica-se pela sociedade moderna estar valorizando a competição e o individualismo, perderam-se valores antes naturais, tais como: solidariedade e cooperação e também se perdeu a valorização da educação por parte dos detentores do poder.

1. Capítulo I: Marco teórico: notas preliminares sobre a função social da escola

Para alguns teóricos, a educação é o elemento social responsável pelo desenvolvimento das personalidades e das coletividades humanas. Segundo Florestan Fernandes, as práticas educacionais estão diretamente ligadas às normas e valores que constituem os indivíduos de uma sociedade.

Os valores são ideias que definem o que é importante, útil ou desejável a cada cultura. Esse conceito atribui significado e orienta o ser humano na sua interação com o mundo social. As normas são as regras de comportamento que refletem ou incorporam os valores de uma cultura. As normas e os valores determinam entre si a forma como os membros de uma determinada cultura se comportam. Segundo Tosi, as pessoas são educadas para viver de acordo com os “valores e regras sociais”. Os conceitos de normas e valores estão vinculados ao objetivo da presente pesquisa: compreender a função social da escola.

Muitos atribuem a problemática da educação às situações associadas aos valores humanos, como a ausência e/ou ruptura de valores essenciais ao convívio social. Assim, como alegam despreparo profissional dos educadores, salas de aula superlotadas, cursos de formação acelerados, salários baixos, falta de recursos, currículos e programas pré-elaborados pelo governo, dentre tantos outros fatores.

Ao discutirmos a função social da educação e da escola, estamos entendendo a educação no seu sentido ampliado, ou seja, enquanto prática social que se dá nas relações sociais que os homens estabelecem entre si, nas diversas instituições e movimentos sociais, sendo, portanto, constituinte e constitutiva dessas relações.

O homem, no processo de transformação da natureza, instaura leis que regem a sua convivência com os demais grupos, cria estruturas sociais básicas que se estabelecem e se solidificam à medida que se vai constituindo em lócus de formação humana. Nesse sentido, a escola, enquanto criação do homem, só se justifica e se legitima diante da sociedade, ao cumprir a finalidade para a qual foi criada.

Assim, a escola, no desempenho de sua função social de formadora de sujeitos históricos, precisa ser um espaço de sociabilidade que possibilite a construção e a socialização do conhecimento produzido, tendo em vista que esse conhecimento não é dado a priori. Trata-se de conhecimento vivo e que se caracteriza como processo em construção.

O professor é o indivíduo que tem um papel fundamental nessa formação de valores do educando. Segundo Aranha (2006), a formação do indivíduo deve ser abrangente, dando plenas condições para o domínio da língua, nas suas expressões de fala, escrita e leitura. Pois a língua é o que expressa a identidade cultural do sujeito. Além disso, o professor deve promover ações para que o educando consiga utilizar essa “língua” nas demais disciplinas, como: geografia, história etc., para que as mesmas sejam instrumentos de formação cidadã. Essa formação da cidadania está nos objetivos da maioria dos professores.

A escola como fato social foi vista pela primeira vez por Émile Durkheim, que defendia a postura social que a escola e a educação em si, devem permear. Apesar deste autor não ter desenvolvido modelos pedagógicos, suas ideias ajudaram a compreender o significado social do trabalho do professor, onde a educação escolar deixa de ser vista de forma individualista e passa a ser vista através de uma perspectiva coletiva. Para o sociólogo francês, a principal função do professor é formar cidadãos capazes de contribuir para a harmonia social. Dessa forma, Durkheim acreditava que a sociedade seria mais beneficiada pelo processo educativo. Para ele, "a educação é uma socialização da jovem geração pela geração adulta". E quanto mais eficiente for o processo, melhor será o desenvolvimento da comunidade em que a escola esteja inserida. Para Durkheim, a educação deveria ao mesmo tempo, ter uma base comum e diversificada. Apesar das diferenças sociais, todas as crianças devem receber ideias e práticas, que são valores do seu povo, da sua nação. Essa seria a base comum da educação, pois contém os conhecimentos que deveriam ser compartilhados por todos.

Segundo Durkheim, a construção do ser social, feita em boa parte pela educação, é a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios - sejam morais, religiosos, éticos ou de comportamento - que balizam a conduta do indivíduo num grupo. O homem, mais do que formador da sociedade, é um produto dela. Essa teoria, além de caracterizar a educação como um bem social, a relacionou pela primeira vez às normas sociais e à cultura local, diminuindo o valor que as capacidades individuais têm na constituição de um desenvolvimento coletivo.

Para entender a função social das escolas, sejam elas públicas ou particulares deve-se, primeiramente, introduzir as ideias de alguns sociólogos que abordam essa temática. Bourdieu é um dos principais autores que consegue justificar algumas controvérsias educacionais decorrentes das diferenças sociais e

culturais entre os indivíduos. Desde sua criação, a escola tem um papel fundamental na sociedade, no qual seu objetivo seria doutrinar o processo de desenvolvimento educacional das crianças até a fase adulta, a fim de se criar uma rotina regrada, alienada e submissa aos padrões estabelecidos por entidades privadas.

Segundo Bourdieu (1975), a escola não é uma instituição neutra como deveria, ela é uma instituição a serviço da reprodução e da legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes, ou seja, ela está “livre” para legitimar as desigualdades sociais, estando acima de qualquer suspeita. Para o autor, a cultura transmitida pela instituição escolar não deveria ser superior a nenhuma outra, pois a escola é uma das principais instituições educativas, mas não é a única. Para ele, a escola longe de ser libertadora é conservadora, mantém a dominação dos dominantes sobre as classes populares. A chave do sistema escolar e do sistema social, contribui para reforçar aos membros das classes dominadas o destino que a sociedade lhes mostra, levando-os a aceitar como inaptidões naturais o que não é senão efeito de uma condição inferior; convencendo-os de que eles devem o seu destino social à sua natureza individual e à sua falta de dons. A escola cumpre, assim, simultaneamente, sua função de reprodução e de legitimação das desigualdades sociais.

Segundo Bourdieu, existem algumas divergências entre dois tipos de capital existentes (capital econômico capital cultural), pois quem os possui tem origens familiares distintas. Ou seja, “(...) a posse de capital cultural favoreceria o desempenho escolar na medida em que facilitaria a aprendizagem dos conteúdos e dos códigos (intelectuais, linguísticos, disciplinares)” (NOGUEIRA, 2009, p. 52) e a posse de capital econômico não carece de investimento pesado na escolaridade, pois a pessoa tendo alto poder aquisitivo não há necessidade de ascender socialmente por meio de diplomas.

Por outro lado, a classe média deve a sua posição econômica ao seu nível de escolaridade, pois a grande maioria das pessoas dessa classe para adquirirem uma vida mais confortável, estuda e obtém seus diplomas. No mundo competitivo, mais especificamente na classe média, as pessoas são individualistas, onde os sujeitos pouco valorizam o compartilhamento do conhecimento, pois chegará primeiro aquele que for eleito o melhor. Com o surgimento do capitalismo, a desigualdade social, principalmente no Brasil, deu um grande salto e as pessoas estão cada dia mais em busca de ascensão social.

Assim como Bourdieu, Bernstein também acredita em outra perspectiva importante acerca das desigualdades verificadas na escola: o papel do uso do domínio da linguagem e do rendimento escolar dos alunos (capital cultural). Este autor considera que o discurso dos alunos é reflexo das relações sociais dos seus ambientes familiares, existindo “uma relação entre o modo de expressão cognitiva e certas classes sociais.” (1974, p. 24). Ou seja, o acesso às melhores escolas influencia, inclusive, na linguagem utilizada pelas crianças. As crianças com acesso restrito à educação e de origem humilde tendem a reproduzir a linguagem informal da família.

A desigualdade de escolarização de hoje reproduz a divisão social do trabalho de amanhã. Desta maneira, a divisão social do trabalho é reproduzida de geração em geração, e essa reprodução é garantida pela escola, que também é excludente, por ser tratada como mercadoria.

Assegurar o direito a educação escolar em igualdade de condições de entrada e permanência pela oferta de ensino público e gratuito e de qualidade em todos os níveis de ensino é um dos maiores desafios da educação atual. Segundo Kruppa (1994), a escola pública de qualidade é possível.

Contudo, certas lacunas deixadas pelas leis que regem a educação no Brasil devem ser supridas pelas ações afirmativas na forma de políticas públicas educacionais. Essas medidas especiais temporárias ou não, desencadeadas pelo Estado (assim entendido como todas as esferas do poder público) têm como objetivo eliminar as desigualdades historicamente acumuladas, de forma a compensar as perdas provocadas pela discriminação e marginalização de determinados grupos sociais. A escola reflete o modelo de Estado presente na sociedade.

Sabe-se que no mundo globalizado, as relações de poder são definidas, principalmente, pelas condições econômicas. Max Weber apresenta uma perspectiva mais complexa sobre a estratificação social. Segundo Weber, a classe (poder econômico), o status (prestígio social) e o poder (poder político) são as três fontes de desigualdade social. Assim como Marx, Weber considera que o conceito de classe é caracterizado pelo poder econômico, embora Weber expresse o poder econômico em termos de riqueza e de rendimento. O prestígio social é outra dimensão da desigualdade social, compreendendo modos de comportamento social ou estilos de vida. Por fim, a terceira dimensão da desigualdade social tem a ver com o poder. O poder significa a oportunidade de um homem ou vários poderem

realizar a sua própria ação comum, mesmo contra a vontade de outros. Weber não considera que o sistema de valores comum e o patrimônio cultural sejam aceitos por todos os membros da sociedade de uma forma natural e consensual. Para este autor, esse patrimônio e sistema de valores comum são provenientes de quem detém o poder político de “convencimento”. Esse poder político é um dos causadores do sobe e desce da educação brasileira.

Segundo Illich, o atual sistema educativo transformou-se num sistema manipulador e hierárquico, tendo como função principal a reprodução e o controle das relações econômicas, pois as escolas são excludentes. Em toda a sociedade capitalista o aluno é levado a acreditar que só quem estuda muito e, por consequência, consegue um bom emprego, é capaz de conduzir a uma vida melhor. Deste modo, se instala o hábito do consumo dos bens e dos serviços, que nega a expressão individual, que aliena, que leva a reconhecer as classes e as hierarquias impostas pelas instituições. (Illich, 1974, p.9).

O Brasil, ao longo dos últimos anos, vem tentando desenvolver seu sistema de ensino e o número de instituições de ensino também têm aumentado (massificação do ensino) por causa da grande demanda e por influência política. Hoje, segundo o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), já são 98% das crianças de 6 a 14 anos que estão na escola. O acesso ao ensino fundamental já está praticamente resolvido no Brasil, mas o que ainda precisa melhorar é a qualidade da educação. São muitas as crianças que não sabem ler e escrever. Porém, esses números não indicam que os alunos estarão preparados para a competição do mundo capitalista. A educação de qualidade no Brasil ainda é baixa, principalmente no ensino básico. Essa baixa qualidade educacional reflete diretamente na vida profissional dos futuros cidadãos. Ao contrário do que muitos pensam, nem as melhores escolas particulares brasileiras chegam perto da qualidade de ensino das escolas dos países desenvolvidos, mesmo com suas estruturas físicas maravilhosas e seus melhores índices alcançados em exames nacionais. Ou seja, para atingir os objetivos educacionais e a escola poder cumprir o seu papel, a educação ainda precisa caminhar muitos quilômetros.

A baixa qualidade da educação é resultado direto do que acontece na estrutura educacional brasileira, pois praticamente todos os que atuam na educação recebem baixos salários: os professores frustrados que não exercem com profissionalismo ou também esbarram nas dificuldades diárias da realidade escolar,

além dos pais que não participam na educação dos filhos, entre muitos outros agravantes.

Para dar sustentação aos contínuos avanços da sociedade, a escola precisa ressaltar um ensino que crie conexão entre o que o aluno aprende nela e o que ele faz fora dela, para que o conhecimento adquirido faça sentido para ele. Deve existir uma conexão entre o ensino formal e o mundo do trabalho, entre o conhecimento e a vida prática do aluno, onde a escola estará vinculando a cidadania com a educação.

Outro grande problema educacional está na formação dos professores. Muitos nem tem formação específica. Os professores dizem que grande parte do conhecimento que eles têm hoje não são provenientes da faculdade de origem, mas sim da prática em sala de aula. O que se vê muito hoje em dia nos cursos de licenciaturas são as teorias desvinculadas da prática, o que compromete, e muito, a formação desses futuros professores. Eles sentem-se despreparados diante das exigências dos jovens, principalmente no que ultrapassa os conteúdos específicos de suas disciplinas e ao que se refere à socialização, ao comportamento e à vida dos estudantes para além da escola. A consequência disso, muitas vezes, é a evasão escolar, devido ao desinteresse do aluno pelo conhecimento. A maioria dos alunos não se interessa por disciplinas que não fazem sentido para eles, ou seja, que não fazem parte de sua realidade e que não serão utilizadas na prática.

A escola, abraçando a transformação do mundo contemporâneo, encarará a educação como um fato social de mudança e avanço cultural. É fundamental a relação entre conclusão de escolaridade e inclusão no mercado de trabalho, para que a desmotivação não ocorra. Hoje, a maioria dos jovens sabe que sem educação terão poucas chances no mundo do trabalho. A maioria das empresas exige o nível médio de escolaridade para qualquer função, por mais simples que ela seja. Quando finalmente deixam a escola, os alunos não estão preparados para ingressar no mundo do trabalho. Assim, deparamo-nos com jovens desanimados e desapontados, sem grandes perspectivas de futuro. Caso os alunos decidam abandonar a escola antes de terminarem a escolaridade obrigatória, deparam-se com problemas ainda mais graves, porque se, com a escolaridade mínima ainda têm a possibilidade de arranjar emprego mesmo sem formação específica, sem certificação escolar, ainda que mínima, o emprego torna-se quase impossível, ou então, sujeitam-se a empregos não muito bons e mal remunerados.

Segundo Pistrak, “A revolução e a escola devem agir paralelamente, porque a escola é a arma ideológica da revolução” (PISTRAK, 2005, p.30). Nesse sentido, é importante destacar que o autor trata basicamente da centralização da escola como instituição, considerando-a um meio determinante para o avanço social e cultural da sociedade, destacando a escola como um dos possíveis meios de difundir a mudança. Sendo assim, um país só pode se desenvolver educacionalmente se todos tiverem suas receptíveis fatias no grande bolo social. Essa consciência só se firma a partir da educação dos indivíduos. A consciência social deve ser implementada a partir da infância, para que as crianças se tornem adultos melhores.

Para compreender o não cumprimento da função social da escola, podemos destacar as diferenças sociais como sendo uma das principais causas desse problema. “Os teóricos do conflito veem os sistemas sociais divididos em grupos dominantes e dominados. (...) O grupo dominante também impõe os seus próprios valores e a sua visão do mundo aos seus subordinados.” (Parelius e Parelius, 1987, p. 10). Sem liberdade para expressar os pensamentos, as pessoas se tornam alienadas e tendem a reproduzir valores e ideias de classes dominantes.

A educação deve se propor a servir não aos interesses de classes, mas aos interesses da comunidade. A escola é um meio favorável ao intercâmbio de reações e experiências, sensibilizando o aluno para o trabalho e para a ação de acordo com os seus interesses e com as suas necessidades.

Em contraponto, existem alguns autores radicais, que rejeitam até escola como instituição. Em um de seus principais livros: “*Educação sem Escola?*”, Ivan Illich faz uma análise crítica das instituições educativas atuais e de suas características, sugerindo a criação de um sistema alternativo que rebata a figura da escola na de uma aprendizagem não institucional. Os professores, já habituados a esta rotina de “ter que ir dar aula”, não dão a possibilidade de aprofundar um ou outro tema que mais interesse os alunos, nem são capazes de atender às necessidades específicas de cada aluno. A escola passa assim a ser um local de desigualdades e de conflitos, uma vez que alguns se adaptarão melhor do que outros.

Ao analisar o sistema capitalista nas suas mais amplas esferas, descobre-se que as problemáticas educacionais surgem da forma como a sociedade está organizada: com bases na propriedade privada, lucro, exploração do ser humano e da natureza e se manifestam na ideologia do sistema.

O sistema econômico atual prega a acumulação privada de bens de produção, formando uma concepção de mundo e de poder baseada no acumular sempre para consumir mais, onde quanto mais bens possuir, maior será o poder que exercerá sobre a sociedade. Isso, portanto, provoca diversos problemas para a população, principalmente para as classes menos favorecidas, como: falta de qualidade na educação, ineficiência na saúde, aumento da violência, tornando os sistemas públicos, muitas vezes, caóticos.

Freitag (1980) ressalta a frequente aceitação por parte de muitos estudiosos de que toda doutrina pedagógica, de um modo ou de outro, sempre terá como base uma filosofia de vida, uma concepção de homem e, portanto, de sociedade.

Ainda segundo Freitag (1980, p.17) a educação é responsável pela manutenção, integração, preservação da ordem e do equilíbrio, e conservação dos limites do sistema social. E reforça "para que o sistema sobreviva, os novos indivíduos que nele ingressam precisam assimilar e internalizar os valores e as normas que regem o seu funcionamento".

A educação em geral, designa-se com esse termo a transmissão e o aprendizado das técnicas culturais, que são as técnicas de uso, produção e comportamento, mediante as quais um grupo de homens é capaz de satisfazer suas necessidades, proteger-se contra a hostilidade do ambiente físico e biológico e trabalhar em conjunto, de modo mais ou menos ordenado e pacífico. Como o conjunto dessas técnicas se chama cultura, uma sociedade humana não pode sobreviver se sua cultura não é transmitida de geração para geração; as modalidades ou formas de realizar ou garantir essa transmissão chama-se educação. (ABBAGNANO, 2000, p. 305-306)

A alienação do indivíduo toma as diretrizes do mundo do trabalho no seio da sociedade capitalista e no modo como esse modelo de produção nega o homem enquanto ser, pois a maioria das pessoas vive apenas para o trabalho alienado. As pessoas não se veem mais enquanto "ser". A maioria tem como objetivo atingir a classe mais alta da sociedade ou pelo menos sair do estado de oprimido, de miséria. Perde-se em valores e valorações, não consegue discernir situações e atitudes, vive para o trabalho e trabalha para sobreviver. Sendo levado a esquecer de que é um ser humano, um integrante do meio social em que vive, um cidadão capaz de transformar a realidade que o aliena e o exclui. As crises que agravam o sistema educacional são consequências do modelo econômico vigente que contribuem para o maior agravamento da desigualdade social.

A escola surge como uma instituição fundamental para a constituição do indivíduo e para ele próprio, da mesma forma como emerge para a evolução da sociedade e da própria humanidade. A escola como instituição social possui (ou pelo menos deveria possuir) objetivos e metas, empregando e reelaborando os conhecimentos socialmente produzidos.

Segundo Frigotto (1995), a escola é uma instituição social que, mediante sua prática no campo do conhecimento, dos valores, atitudes e, mesmo por sua desqualificação, articula determinados interesses e desarticula outros. Nessa contradição existente no seu interior, está a possibilidade da mudança, haja vista as lutas que aí são travadas. Portanto, pensar a função social da escola implica repensar o seu próprio papel, sua organização e os atores que a compõem.

Libâneo diz que a escola cumpre funções que lhe são dadas pela sociedade concreta que, por sua vez, apresenta-se como constituída por classes sociais com interesses antagônicos. Ou seja, o interesse da classe A é totalmente diferente do interesse da classe D, por exemplo. A escola, de acordo com suas condições tem que adaptar-se ao perfil de sua “clientela”.

Assim, pensar a função social da educação e da escola implica problematizar a escola que temos na tentativa de construirmos a escola que queremos. Nesse processo, a articulação entre os diversos segmentos que compõem a escola e a criação de espaços e mecanismos de participação são prerrogativas fundamentais para o exercício do jogo democrático, na construção de um processo de gestão democrática.

A escola tem o papel de contribuir para criar as condições que viabilizem a cidadania, através da socialização da informação, da discussão, da transparência, gerando uma nova mentalidade, uma nova cultura. Para um indivíduo exercer sua cidadania ele precisa saber como usá-la e isso ele não aprende sozinho, mas, principalmente, na escola, com matérias que viabilizam o lado político do aluno (geralmente matérias na área de humanas). A grande responsável pela formação cidadã do aluno é a educação básica.

“A educação básica é o caminho para assegurar a todos os brasileiros a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” (MEC-SEB, 1998)

Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a educação é dever da família e do Estado, guiada pelos princípios de liberdade e pelos ideais de solidariedade humana, a finalidade é o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Ou seja, a participação da família é fundamental para que a escola, de fato, cumpra seu papel social. O Art. 3º diz:

“ O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
VII - valorização do profissional da educação escolar;
VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
IX - garantia de padrão de qualidade;
X - valorização da experiência extra-escolar;
XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.”

Portanto, o compromisso da escola é criar meios que façam com que o aluno seja um cidadão que cumpra seus direitos e deveres com ética e que esses alunos sejam futuros transformadores sociais.

A escola como espaço de desenvolvimento e aprendizagem envolve todas as experiências contempladas nesse processo, considerando tudo como significativo, como os padrões relacionais, aspectos culturais, cognitivos, afetivos, sociais e históricos, os quais estão inseridos nas interações e relações entre os diferentes segmentos.

2. Capítulo II: Marco empírico: Reflexões sobre a coleta de dados

A ciência é produto da ação do homem, tida como uma categoria histórica, um fenômeno em contínua evolução inserido no movimento das formações sociais.

A pesquisa também carece de levantamentos bibliográficos para investigar sobre o que já foi e está sendo dito sobre a temática.

Para a realização da pesquisa foram utilizados alguns instrumentos de coleta de dados, sendo eles: entrevistas semi-estruturadas realizadas com os professores análise do Projeto Político Pedagógico dos colégios e observações participativas.

Uma das características da entrevista semi-estruturada é a utilização de um roteiro previamente elaborado. Esse tipo de entrevista, então, é uma conversação – cujas condições são *a priori* explicitadas e aceitas – com um interlocutor. Portanto, esse tipo de entrevista foi de grande importância para que parte do objetivo da pesquisa fosse cumprido.

Um dos objetivos da presente pesquisa é investigar se o sujeito atuante na educação está trabalhando em defesa da educação democrática, inclusiva e de qualidade social para todos e fazer um balanço entre os dois tipos de instituições: públicas e particulares.

2.1. Instituição Educativa Pública: Escola do Gama

Ao analisar o Projeto Político Pedagógico da escola pública da Região Administrativa Gama, percebe-se que a equipe pedagógica defende que o espaço físico escolar deve ser usado em sua totalidade. É citado no documento que a organização desse espaço reflete a concepção metodológica adotada pelo professor e pela escola.

Para esta equipe, no dia-a-dia deve-se aproveitar os espaços externos para realizar as atividades, como ler, contar história, fazer desenho de observação, experimentos, atividades de psicomotricidade e ludicidade.

É importante ressaltar que, para a equipe pedagógica da escola em questão, o espaço de aprendizagem não se resume a escola, sendo necessário propor atividades que ocorram fora dela. A programação deve contar com passeios, excursões, teatro, cinema, visita a fábricas, supermercados, enfim, com as

possibilidades existentes em cada local e as necessidades de realização do trabalho escolar.

Segundo o P.P.P., a “missão” dessa escola vai ao encontro da função social da escola pública, que, deve trabalhar na perspectiva da formação do cidadão, entendido como sujeito histórico que, segundo Paulo Freire é “o ser político, capaz de questionar, criticar, reivindicar, participar, ser militante engajado, contribuindo para a transformação de uma ordem social injusta e excludente”. O intuito da proposta pedagógica desta instituição é formar o cidadão pleno, isto é, construir conhecimentos, atitudes e valores que tornem o estudante um ser solidário, crítico, ético e participativo.

A escola em questão conta atualmente com uma equipe gestora organizada, que direciona o trabalho pedagógico e administrativo com responsabilidade, sempre na busca de resultados significativos. Esta equipe se preocupa em estar sempre direcionando os trabalhos com o intuito de proporcionar a todos os segmentos um ambiente de trabalho e contribuição coletiva, promovendo estudos e constantes avaliações, acolhendo sempre que possível, as reivindicações trazidas pelos diversos segmentos.

Segundo a Proposta Pedagógica da instituição, o corpo docente é imprescindível, ele faz com que a busca de resultados positivos se torne algo possível de alcançar, pois, na visão da maioria são responsáveis e comprometidos com o processo educativo. Eles são educadores que fazem de sua criatividade, capacitação profissional contínua, companheirismo e autonomia em sala de aula, pilares de sustentação para o pleno exercício de suas funções como educadores.

A equipe de apoio à aprendizagem é responsável, dentre outras atividades, pelo atendimento psicopedagógico. Atualmente é composta por um psicólogo e uma pedagoga. A sala de recursos que, apesar de ter tarefa distinta, atua em consonância com a equipe de apoio à aprendizagem em prol do aluno com o intuito de acompanhar e ajudar no desenvolvimento cognitivo destes, que apresenta grandes dificuldades ou que possuem limitações devido a comprometimentos diversos.

A Orientação Educacional é relevante nas ações cotidianas na escola. Esta equipe é considerada por todos de grande valor na instituição por ser responsável, organizada e atuante em todas as atividades escolares, apoiando sempre os professores.

Segundo a equipe, os auxiliares em educação são altamente gabaritados para exercer suas funções, pois, apesar de um número muito reduzido de funcionários, fazem dessa limitação uma grande força advinda da cumplicidade, boa vontade e disposição para o trabalho.

Finalmente, a proposta fala sobre os alunos, que são os atores principais, apesar de toda diversidade que a vida em uma comunidade carente tem, são crianças de grande potencial, pois, segundo a equipe pedagógica, são sinceros, criativos, participativos, frequentes e lutam para ter o direito a uma educação de qualidade. Atualmente, a escola conta com um total de 375 alunos, sendo 184 no turno matutino e 191 no turno vespertino.

A equipe pedagógica comenta que os pais, na medida do possível participam da vida escolar de seus filhos, pois alguns percebem a importância da escola no futuro deles. Quando solicitados, tentam participar das atividades desenvolvidas na escola, pois os que têm a consciência sabem que esta participação influenciará diretamente no desenvolvimento dos alunos.

No P.P.P., estão descritas as principais “fraquezas” da instituição em si. Uma nova proposta pedagógica está sendo construída, visando proporcionar ao aluno uma educação plena na formação de cidadãos críticos e éticos.

Apesar do grande esforço para manter a unidade na comunidade escolar, a equipe gestora comete falhas que podem dificultar o satisfatório andamento das ações pedagógicas e administrativas, muitas vezes centralizando os trabalhos, desmotivando assim a participação dos demais no desenvolvimento de atividades que algumas vezes são elaboradas apenas pela equipe gestora. Essa centralização nas decisões e no planejamento das ações educativas, segundo pontos de vista levantados pela própria equipe, interfere na autonomia do educador e nas mais diversas formas de conduzir o processo educativo em sala de aula.

Essa avaliação trouxe à tona outro item, também classificado como negativo por parte da equipe gestora. Esse problema refere-se a quantidade de horas trabalhadas, ou seja, com relação ao cumprimento do horário, o que, influencia na qualidade do trabalho realizado e, ainda, há um excesso de atividade de cunho coletivo no horário da coordenação pedagógica.

Foram levantados os seguintes pontos tidos como fraquezas com relação a equipe docente: dificuldade de aceitar novos desafios; dificuldades em aceitar comandos no cumprimento de seus deveres; falta ou ausência de companheirismo e

solidariedade por parte de alguns; falta de compromisso ético com o aluno; falta de integração entre as turmas e pouca participação.

Quando se avaliou a equipe de apoio à aprendizagem pontuou-se apenas como ponto negativo o pouco envolvimento do profissional de psicologia no dia a dia da escola.

Quanto ao segmento dos auxiliares em educação, não ficou caracterizada nenhuma fraqueza específica que fosse atribuída diretamente a esse setor, sendo pontuado apenas a necessidade de um maior envolvimento com o contexto educacional da escola, haja vista que todos na instituição são, potencialmente, educadores.

Sobre os discentes, foi relatado que a única e principal fraqueza é a ausência de limites. As questões relacionadas à infrequência, pontualidade/assiduidade, sexualidade precoce, desinteresse e falta de responsabilidade com os deveres de educando foram levantadas em um debate realizado pela equipe, mas não podem ser imputadas como fraquezas do alunado por se tratar de crianças e, portanto, sem autonomia para gerir essas questões.

Quando o foco foi o segmento dos Pais, o que configurou-se como fraqueza foram: a omissão com a vida escolar dos filhos; a questão do desemprego; a transferência de responsabilidades próprias da família para a escola e a falta de urbanidade no tratamento com os funcionários da instituição.

Ainda relacionadas a este segmento da comunidade escolar pontuou-se a falta de valorização e de credibilidade no profissional da educação e que muitas vezes associam a questão do ensino público aos programas e benefícios sociais do governo.

O dinheiro conseguido com APM (Associação de Pais E Mestres) e eventos é utilizado para o enriquecimento da merenda escolar (temperos); compras de medicamentos, uniformes e material escolar para alunos muito carentes; manutenção e reparos elétricos e hidráulicos; atendimentos a eventualidades (aluguel de ônibus para passeios pedagógicos, festa das crianças e outros). Já o dinheiro do P.D.D.E (Programa Dinheiro Direto na Escola (Governo Federal)) e do P.D.A.F (Programa de Descentralização Administrativa e Financeira (Governo do Distrito Federal)) é utilizado para a aquisição de material didático e pedagógico.

O espaço físico dessa escola está dividido em: uma sala de professores; uma sala de coordenação; uma biblioteca; uma sala de artes; uma sala de recursos; duas salas de atendimento psicopedagógico; uma sala das auxiliares em educação; duas salas de direção; uma secretaria; uma cantina; um depósito de gênero; um depósito de expediente; oito banheiros; treze salas de aula.

2.2. Instituição Educativa Privada: Colégio da Asa Sul

Segundo o P.P.P. (Projeto Político Pedagógico) dessa instituição, a experiência no dia a dia tem mostrado como é importante todos os segmentos da escola (gestores, professores, alunos, funcionários, pais...) caminharem juntos, procurando resolver os problemas que aparecem e criando novas alternativas para a melhoria da educação oferecida. Trabalhar coletivamente, apesar de ser muito mais vantajoso para a escola como um todo, não é uma tarefa sempre fácil. Mas, é pela ação coletiva que a escola se fortalece, revelando sua capacidade de se organizar e produzir um trabalho pedagógico condizente às demandas da sociedade.

O trabalho pedagógico pautado no comprometimento da realização de ações educacionais voltadas para o pleno desenvolvimento do ser humano, dá condições para compreender o que realmente uma escola de qualidade necessita para atender as suas finalidades.

O foco da escola continua baseado principalmente na prática pedagógica cotidiana e na discussão dos referenciais teóricos que nos encaminhem para uma “práxis” responsável e compromissada com uma escola de qualidade.

Essa escola tem por missão assegurar um ensino de qualidade, garantindo o acesso, o sucesso e a permanência dos alunos, formando cidadãos críticos e participantes, capazes de agir na transformação de uma sociedade mais justa e igualitária.

A escola tem consciência que o Ensino Fundamental tem como objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente de cidadania. Diante disso, o maior desafio dessa escola é criar estratégias para a construção de uma sociedade mais justa, tendo como eixos norteadores do trabalho integração entre educação e cultura,

escola e comunidade (educação multicultural e comunitária), a democratização das relações de poder dentro da escola, o enfrentamento da questão da repetência e da avaliação, a visão interdisciplinar e transdisciplinar e a formação permanente dos educadores.

A escola, mesmo elitizada tem consciência que a educação do mundo moderno tem estado a serviço de interesses de grupos dominantes, especialmente em tempos de globalização, que aumentou a exclusão social e promoveu mudanças profundas na organização do mundo do trabalho. Esses grupos acabam lançando mão da escola para impetrar e reforçar seu domínio, visando à construção de um sujeito que seja capaz de dar o retorno que dele se espera, segundo padrões estabelecidos.

Se, por um lado, sobram diversidades e exigências sociais ditadas pela competitividade de um mundo globalizado, por outro faltam recursos financeiros e até mesmo seriedade no trato com um processo tão sério quanto é a educação. Ao mesmo tempo em que se prega a necessidade de uma formação adequada à satisfação dos interesses sociais, o ser humano vê-se cada vez mais limitado nas ações que possam garantir-lhe essa formação.

A escola busca garantir ao educando situações de construção do conhecimento promovendo o seu crescimento pessoal, social de forma consciente, solidária, responsável, participativa e crítica, visando a sua integração e atuação no meio sociocultural.

Além disso, a equipe pedagógica estabeleceu algumas metas a serem alcançadas durante o período letivo, que são: proporcionar ao educando a iniciativa de hábitos de leitura e escrita; promover a conscientização dos valores morais, físicos e sociais na relação dos educandos; valorizar e respeitar o ambiente escolar e todos os membros inseridos nele; aquisição de mais computadores para a sala de informática; criar alternativas para participação assídua dos pais, no cotidiano escolar; despertar o interesse na preservação e interação do meio em que vive; adequar os ambientes à faixa etária dos alunos; ampliação do acervo da biblioteca da unidade escolar; melhoria do ginásio de esportes; propor o aumento de iniciativas culturais; assegurar a sustentabilidade e o desenvolvimento institucional; fortalecer o equilíbrio financeiro; expandir a prestação de serviços; aumentar a produtividade da capacidade instalada; melhorar a qualidade dos serviços; implementar a reorganização e otimização dos espaços; adequar e ampliar a estrutura física,

otimizando a existente e buscando alternativas; renovar e substituir mobiliário escolar; estabelecer Política Educacional do Colégio; estruturar o Serviço Técnico-Pedagógico; buscar inovações no fazer educativo; promover Política de Desenvolvimento Profissional do Docente e Administrativo; estabelecer um Programa de Formação Continuada Permanente; garantir a participação docente no processo de gestão escolar; ampliar o apoio institucional ao trabalho do professor; otimizar relacionamento com pais e alunos; proporcionar relações entre docentes e discentes baseadas no diálogo e respeito mútuos; incentivar a participação da família no cotidiano da escola.

Segundo a equipe pedagógica, o sucesso de uma escola depende da forma como ela se relaciona com o aluno. O bom relacionamento humano é a solução para tornar a escola um pouco mais atrativa, é a ponte para realizar insatisfação em prazer. Relacionar-se bem interfere positivamente no dia a dia de professor e aluno, onde um se interessa pelo outro, e ambos se interessem pelo currículo com um raciocínio lógico que seja buscar o diálogo como solução para os problemas encontrados, assim floresce a educação, uma educação que prepara o aluno para a vida.

A escola possui vinte e cinco salas de aula, além de salas da equipe Técnico-Pedagógica, Departamento de Educação Física, Cozinha, Lanchonete, Reprografia, Sala de Vídeo, Laboratório de Informática, Laboratório de Ciências, Audiovisuais e Digitação e sala do Sistema de Vigilância do Colégio. Área Administrativa: espaço que comporta a estrutura administrativa do Colégio, além da Biblioteca e do Auditório. Também nesta área encontra-se a Recepção da escola. Área Desportiva: é composta pelo Ginásio de Esportes e por uma quadra anexa. Nesta área concentra-se todo o trabalho da Educação Física, incluindo os treinamentos, as escolinhas de esporte e as aulas normais. Este Complexo Esportivo também é usado para sediar as Olimpíadas Internas do Colégio e o campeonato de pais.

O Ensino Fundamental, que é a parte investigada pela presente pesquisa, tem seu funcionamento nos períodos matutino e vespertino com cinco turmas de 4º ano e com quatro turmas cada nos demais anos.

2.3. Descrição das entrevistas com os professores

PROFESSORES DA ESCOLA PÚBLICA DO GAMA

Professor (a) A:

A professora está no magistério há 15 anos e atua na presente escola desde o início de seu magistério.

Ao ser questionado sobre a função social da escola a professora diz que “A função social da escola é educar formalmente, formando os seres humanos conscientes e preparados para enfrentar diferentes situações sociais, desenvolvendo cidadãos críticos que atuam na sociedade de forma autônoma.”

Para ela, uma grande parcela da sociedade pensa que a escola representa apenas um lugar para ocupar o tempo das crianças e jovens, Onde os pais possam deixá-los em segurança enquanto estão no trabalho. Segundo a sociedade, é a escola que deve resolver os problemas e assumir a responsabilidade pela educação formal e informal. Esquece, portanto, que a educação é um papel de todos.

Essa professora diz que a escola é um lugar onde o educando possa socializar, fazer amigos, aprender e ter acesso às diversas áreas do conhecimento com auxílio e orientação do professor. Segundo ela é no espaço escolar e no espaço familiar que serão formados os cidadãos do futuro, por isso torna-se importante a reflexão dos valores de forma crítica e autônoma.

Suas sugestões para melhoria do processo educativo da escola são, basicamente: investimento em educação, melhoria nos recursos didáticos, melhoria na qualidade da merenda escolar, valorização de todos os profissionais em educação, diminuição no número de alunos em sala de aula e melhoria da estrutura física da escola.

Ela conclui dizendo que a família deveria participar de maneira mais efetiva da vida escolar dos seus filhos. Enquanto a escola procura suprir a falta desse acompanhamento, a sociedade responsabiliza a escola pelos casos de fracasso escolar. Segundo ela, há uma falha em todas as instituições: família, escola e sociedade; devido a inversão de papeis. “Não se deve esquecer que a família, a escola e a sociedade devem caminhar juntas em busca de uma educação de qualidade”.

Professor (a) B:

A professora está no magistério há 16 anos e atua na presente escola há 7 anos.

Ao ser questionada sobre a sua opinião a respeito da função social da escola, a professora diz que a escola deve "promover e interagir com os alunos e com a comunidade, amparando-os sempre que possível nas necessidades que diretamente influenciam no processo ensino-aprendizagem, que é o nosso maior foco."

Segundo essa profissional, a escola tem uma representatividade social valiosa, pois influencia diretamente no desenvolvimento da sociedade. A escola, em sua visão, é "um valoroso ambiente de formação não somente sistemático, mas também de valores morais e de cidadania, que além de ensinados são exemplificados nas oportunidades do dia a dia".

Ela também dá sugestões de melhorias para o processo educativo de sua escola. Ela acredita que um maior envolvimento da família, uma assistência efetiva do governo poderiam promover condições dignas para o professor e para o aluno, fazendo com que eles sintam-se apoiados e seguros.

Ao comentar sobre essa relação da escola com a família, com a comunidade e com a sociedade, a professora diz que principalmente a família, vê essa necessidade de envolvimento proposto pela escola como uma "cobrança" de participação, não como contribuição para o futuro do filho.

Professor (a) C:

O professor está no magistério há 18 anos e atua na presente escola há 11 anos.

A entrevista inicia-se com a principal pergunta: "Qual a função social da escola?" O professor responde que "A escola é o espaço para o início do exercício da cidadania." Ele diz que a escola deve ser um espaço próprio para formar cidadãos críticos, com opiniões próprias. Além disso, o aluno deve conhecer o significado de democracia e exercer nesse espaço escolar um papel participativo.

Para ele, a escola é um espaço para construção do saber formal, considerando todo o conhecimento que a aluno traz e compartilha com os colegas. Para ele, esse espaço é o local de maior troca de conhecimento e ganhos individuais que partem do coletivo.

Ele também acredita que "a comunidade deveria participar de forma ativa e acompanhar todo o processo educacional na escola, começando pelo processo de ensino-aprendizagem. Os professores deveriam ter formação de cidadania e democracia para exercer um papel mais significativo na formação do aluno.

O professor conclui a entrevista dizendo que sente falta da participação efetiva da família e diz que, muitas vezes, esse receio de "ser participativo" talvez seja pelas "ações irrelevantes de alguns professores".

Professor (a) D:

A professora está no magistério há 23 anos e atua na presente escola desde o início de seu magistério.

Para essa professora, a função social da escola é "promover ações pedagógicas que favoreçam e valorizem o conhecimento do educando, conduzindo-o a uma nova visão de mundo, para que ele possa atuar na sociedade em que vive de maneira transformadora, ética e crítica."

A escola, segundo ela, é um espaço lúdico de troca e busca de conhecimentos. Também é uma possibilidade de mudança, de abertura de novos caminhos. Ou seja, é um espaço onde há ou deveria haver liberdade para troca de conhecimentos.

A professora diz que para que haja uma melhoria significativa no processo educativo, o governo deve priorizar a educação, valorizando os professores também.

Ao ser questionada sobre a sua percepção da relação da escola com a família, a comunidade e a sociedade ela diz que a escola em questão procura promover ações que levem o envolvimento efetivo da família e da comunidade. Porém, devido a vida "corrida" dos trabalhadores, essa relação é bastante dificultada. Ela ainda comenta que a família ainda não percebeu a sua força dentro do contexto escolar. Segundo ela, A família deveria ter uma "visão diferente do ambiente escolar".

Professor (a) E:

A professora está no magistério há 10 anos e atua na presente escola há 1 ano.

A professora concorda com alguns de seus colegas, dizendo que: "A função social da escola é formar cidadãos críticos, conscientes e aptos a exercerem seus

direitos e a cumprirem com seus deveres."A professora diz que a escola é um espaço de extrema importância para construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao dar sua opinião sobre o conceito de escola, ela diz que essa instituição é um local capaz de transformar o ser humano em todos os seus aspectos: cognitivo, afetivo e social.

Sua sugestão para melhoria do processo educativo é uma maior participação da família na vida escolar da criança. Para ela, faz necessária a participação da família, pois essa contribuição produz efeitos positivos na comunidade local e, conseqüentemente, na sociedade.

Ela finaliza sua fala dizendo que não se deve aceitar o caráter assistencialista que o governo e a sociedade têm tentado incorporar ao processo educacional.

Professor (a) F:

A professora está no magistério há 19 anos e na presente escola há 4 anos.

Essa professora diz que a escola deve possibilitar a formação de cidadãos, de pessoas conscientes de seus direitos e deveres. Segundo ela, esse cidadão deve ser capaz de viver dentro das "regras", sendo respeitado e respeitando os outros. Para ela a escola deve ensinar e informar; também comenta que quando a ignorância não for tão corriqueira a sociedade será mais justa.

Ao definir o conceito de escola em sua opinião, ela diz que a escola representa "esperança". Ela comentou que a oportunidade de estudar mudou a vida dela e de seus irmãos, pois eles têm hoje o que seus pais nunca sonhariam em ter, Ela diz que acredita na escola como uma luz no fim do túnel para muitos.

Ao ser questionada sobre quais seriam suas sugestões de mudanças no processo educativo, ela diz que é necessária uma mudança de paradigma de gestão federal; ela comenta que os governantes devem ver a escola com respeito que ela merece e devem dar autonomia para que a instituição educativa mostre seu potencial.

Ela separa sua percepção sobre a relação da escola com a sociedade, com a família e com comunidade: Com a família: diz que tem melhorado nos últimos anos, mas a escola ainda é vista como "detentora" do saber; Com a comunidade: diz que a

participação restringe-se às festas ou a problemas pontuais; Com a sociedade: o prédio da escola é utilizado para campanhas isoladas, "mas é pouco visto como mola propulsora de ideias e/ou mudanças".

PROFESSORES DO COLÉGIO PARTICULAR DA ASA SUL

Professor (a) G:

O professor está no magistério há 5 anos e na presente escola há 3 anos.

O professor diz que o papel da escola está em formar o cidadão crítico, com uma visão de mundo ampla. Além disso, a escola tem a função de formar o indivíduo para o mundo do trabalho. Para ele, a escola é um espaço social, onde o aluno deve conviver socialmente e interagir com os colegas.

Ao ser questionado sobre o que é a escola para ele. Ele diz que a escola é uma instituição responsável pela educação formal e, como já foi dito anteriormente, pela socialização do indivíduo.

Ele sugere como melhoria do processo educativo uma maior atenção dos responsáveis por ela. Ele diz que na instituição particular esse processo de ensino-aprendizagem é mais acompanhado de perto porque há uma cobrança por parte dos pais ou responsáveis dos alunos. Mas para ele a valorização do profissional de educação é a principal "solução" para que as mudanças positivas ocorram.

Em relação a participação da família ele diz que alguns pais, muitas vezes, nem conhecem os professores, o que dificulta muito essa relação. Ele comenta que quando há algum problema com o aluno ou com a escola há um "longo caminho" até chegar aos pais. Muitas vezes, estão ocupados.

A participação da comunidade ocorre apenas quando tem alguma festa. "Acredito que essa participação é mais efetiva nas instituições públicas".

Ele diz que a relação com a sociedade é feita através de algumas campanhas que a escola propõe, como: doação para asilos e creches, que são realizadas sempre no final do ano.

Professor (a) H:

A professora está no magistério há 10 anos e na presente escola há 4 anos.

A escola tem como função social preparar o educando para o mundo competitivo. O aluno, futuramente, irá encontrar um mundo repleto de egoísmo econômico, por isso é importante que ele esteja pronto para esse mercado de trabalho.

Para essa docente, a escola é um espaço de aprendizagem. Porém, a aprendizagem não pode restringir-se a esse espaço. Para ela, a família deve acompanhar de perto a educação do filho.

"Para que a melhoria no processo educativo ocorra é necessário que a grande quantidade de conteúdos diminua, pois a cada dia que passa temos que introduzir conteúdos novos e não conseguimos aprofundar em praticamente nada. Os alunos aprendem superficialmente sobre determinados assuntos."

"A escola é uma instituição que complementa a família e juntas tornam-se lugares agradáveis para a convivência de nossos filhos e alunos. A escola não deveria viver sem a família e nem a família deveria viver sem a escola. Uma depende da outra na tentativa de alcançar o maior objetivo, qual seja, o melhor futuro para o filho e educando e, automaticamente, para toda a sociedade." Ela diz que o que ela idealiza, realmente não ocorre, pois os pais não gostam muito de participar e acham que a escola é autossuficiente na educação de seus filhos.

Para ela, a participação comunitária na escola não se reduz apenas a um problema pedagógico, é também um problema político. Ela diz: "Apesar da instituição que trabalho ser particular, a escola tem um compromisso social. O mínimo que deveria ser feito é instigar de forma efetiva a participação dos que moram em volta da escola."

Professor (a) I:

A professora está no magistério há 5 anos e na presente escola há 2 anos

A escola é o fator que pode promover mudanças na sociedade, na medida em que forma indivíduos para o convívio social. Pois "sabemos que a educação tem estado a serviço de interesses de grupos dominantes, especialmente em tempos de

globalização, que aumentou a exclusão social e promoveu mudanças profundas na organização do mundo do trabalho.”

Para que a mudança no processo educativo ocorra ela sugere um maior destaque para o trabalho coletivo. Segundo ela, a equipe pedagógica tem se mostrado desunida, o que tem prejudicado o trabalho dentro de sala de aula.

Quanto a participação da família e da comunidade ela diz que a escola se preocupa em ampliar as formas de participação dos alunos, seus pais ou responsáveis e de toda a comunidade interessada. Dentre os mecanismos e procedimentos utilizados com esse objetivo, destacam-se as bolsas de estudo, o uso do espaço físico, a Educação de Jovens e Adultos e a Inclusão Digital.

Professor (a) J:

A professora está no magistério há 4 anos e na presente escola há 2 anos.

A função da escola é, inicialmente, instruir, passar o conhecimento acumulado por várias gerações. A escola tem a função social de formar cidadãos capacitados, que sejam questionadores de tudo o que há em sua volta. A aprendizagem escolar deve mostrar quais direitos o educando tem perante a sociedade e quais deveres ele precisa exercer.

Para que a mudança no processo educativo ocorra é necessário que os professores e a equipe da escola tenham consciência coletiva, pois é muito difícil realizar um trabalho educativo sem apoio mútuo.

A professora diz que os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para o benefício do aluno, o que às vezes não ocorre, pois a escola possui algumas regras com as quais os pais não concordam. “Muitas famílias acham que a escola tem obrigação de educar seus filhos em todos os aspectos, já que muitos pais não tem tempo para fazer isso pelas crianças.”

A relação com a comunidade está restrita aos projetos que a escola possui: bolsas de estudo, o uso do espaço físico, a Educação de Jovens e Adultos e a Inclusão Digital, como já foram antes citados por outro professor da instituição. Com relação à sociedade, ela diz que a relação da escola é boa, pois ela tem cumprido minimamente seu papel, que é formar o cidadão.

2.4. Conclusões a respeito das entrevistas

De acordo com a maioria dos entrevistados, a escola tem um papel social extremamente importante na vida dos futuros cidadãos. Grande maioria dos profissionais disseram, direta ou indiretamente, que a principal função social da escola é formar o cidadão crítico. A maioria das falas dos professores se aproximam de uma perspectiva de uma educação para a cidadania. Essas falas se aproximam do que defendia Moacir Gadotti.

A respeito da escola pública, a maior reclamação dos professores foi com relação à falta de assistência a escola e a falta de respeito do governo para com o profissional de educação.

A serem questionados a respeito do cumprimento da função social por sua escola, eles disseram que suas escolas tem um bom cumprimento dessa função. Com exceção de um professor, que avaliou como “ruim” esse cumprimento. Ele estava aparentemente nervoso com o período de greve pelo qual os professores da rede pública haviam passado e, novamente, pelo descaso do governo.

Uma grande dificuldade encontrada foi conseguir as entrevistas, pois os professores estavam sempre ocupados e muitos não se interessavam. Os professores da rede pública foram mais receptivos e foram maioria: seis responderam às perguntas e na escola particular apenas quatro concordaram em serem entrevistados.

Uma semelhança encontrada na fala dos dois grupos foi a questão da relação da escola com a família dos alunos. Eles relatam que a participação dos pais é restrita e que alguns nem participam da vida escolar do filho. Porém, as escolas podem estabelecer parcerias produtivas a favor do êxito escolar. Em tese, a família e a escola têm papéis sociais bastante específicos, porém, não antagônicos. Podem mesmo, em muitas circunstâncias, ser complementares: se à família cabe cuidar, a escola responsabiliza-se pelo ensinar. O importante é ter claro que o professor é um profissional do conhecimento sistematizado e não a extensão do grupo familiar.

Outra experiência e exemplo foi a realização do projeto 4, onde a turma e a escola observada são de qualidade, se compararmos com outras instituições públicas, pois a escola é bem localizada, tem uma estrutura razoável e não tem grandes problemas internos. Os maiores problemas enfrentados estão nas relações da escola com a família, que também foi citado em falas dos professores das duas

instituições investigadas. A grande maioria dos alunos não reside perto da escola e alguns deles faltam bastante, o que acaba prejudicando o desempenho destes alunos. Porém, a professora, bastante dedicada e com grande paixão pela educação e pela área de alfabetização, fazia sua parte muito bem. Ela demonstrava que seu desejo seria que esses alunos, futuramente, possam proporcionar um mundo “menos malvado, menos feio, menos autoritário, mais democrático, mais humano”, como costumava dizer Paulo Freire. Ou seja, tinha expectativas que seus alunos fossem futuros cidadãos de bem. Porém, não se sabe se esse trabalho de qualidade feito por ela teve sequência no ano seguinte com outros professores, pois alguns não sentem prazer trabalhando na área de educação.

Como já foi mencionado anteriormente, Bourdieu afirma que a escola não é uma instituição neutra. Formalmente, a escola trata todos igualmente, todos assistem às mesmas aulas, todos são submetidos às mesmas formas de avaliação, ou seja, supostamente teriam as mesmas chances de um “bom futuro”. As instituições escolares, segundo as ideias de Bourdieu, podem levar as crianças das camadas populares a prejuízos inestimáveis. Elas não ajudam na luta pela eliminação das desigualdades sociais, pelo reconhecimento da diversidade cultural, pela superação da subalternidade da globalização, pela preparação profissional geral, ou seja, não propiciam as condições para que a parte pobre e oprimida da sociedade produza ideias, crie, se prepare para o mundo da ciência, da cultura, da arte, da profissão e da cidadania. Depois de Bourdieu, tornou-se praticamente impossível analisar as desigualdades escolares, simplesmente, como fruto das diferenças naturais entre os indivíduos.

Segundo Saviani (2000, p.36), a respeito do homem, ele considera "(...) existindo num meio que se define pelas coordenadas de espaço e tempo. Este meio condiciona-o, determina-o em todas as suas manifestações." Nesta fala, percebe-se a relação do homem com a escola e como a escola reproduz o sistema de classes.

No pensamento de Bourdieu, as constatações sobre a escola partem das desigualdades sociais. As posições mais elevadas e prestigiosas dentro do sistema de ensino tendem a ser ocupadas pelos indivíduos pertencentes a grupos socialmente dominantes. Segundo este autor, por mais que se democratize o acesso a educação por meio da escola pública e gratuita, continuará existindo correlação entre desigualdades sociais, culturais e desigualdades entre as hierarquias internas do sistema de ensino.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola, principalmente a pública, é espaço democrático dentro da sociedade contemporânea. Serve, portanto, para discutir suas questões, possibilitar o desenvolvimento do pensamento crítico, trazer as informações, contextualizá-las e dar caminhos para o aluno buscar mais conhecimento. Além disso, é o lugar de sociabilidade de jovens, adolescentes e também de difusão sócio-cultural.

As pessoas se constroem na convivência, na troca de experiências. É função daqueles que educam levar os alunos a romperem com a superficialidade de uma relação onde muitos se relacionam protegidos por máscaras sociais, rótulos.

A escola não pode continuar a desenvolver o papel de agência produtora de mão de obra. Seu objetivo principal deve ser formar o educando como homem humanizado e não apenas prepará-lo para o exercício de funções simplesmente produtivas, para ser consumidor de produtos, muitas vezes desnecessários. Logo, há grandes chances desses educandos serem futuros alienados e oprimidos. É necessário que a prática educativa supere o espírito de competitividade individualista e egoísta da sociedade capitalista. A fim de converter em instrumento de ação política e social, a favor das classes trabalhadoras.

Com as experiências em instituições públicas desde o meu início do Ensino Fundamental, pôde-se perceber, ao contrário do que muitos pensam, que é possível fazer um trabalho de qualidade no espaço público, mesmo que o apoio do governo seja escasso. Porém, sabe-se que muitas coisas ainda precisam ser feitas. A educação, que deveria ser o instrumento para as escolhas do homem livre, democrático, cidadão e autônomo, sem apoio, acaba, portanto, se tornando mais uma ferramenta de manipulação e de homogeneização do pensamento crítico da sociedade. Ela legitima as diferenças sociais e marginaliza, ao invés de tencionar a luta contra a ideologia das classes dominantes, e, também, um dos principais direitos dos seres humanos: o conhecimento, que deve ser universal e possibilitado a todos. Sabe-se que a escola tem como uma de suas principais tarefas formar cidadãos conscientes. Segundo Bourdieu, a escola deveria oferecer igualdade de oportunidades a todos, sendo assim, uma instituição neutra. Porém, não é isso que vem acontecendo. A escola tornou-se mais uma mercadoria nas mãos dos detentores do poder.

O mundo vive uma fase de cultura da informação muito grande, que possuem, naturalmente, vantagens e prejuízos. “O volume de informações veiculado pelos meios de comunicação de massa amplia os horizontes e até ajuda a superar estereótipos.” (ARANHA, 2006, p. 358). Porém, todo esse “bombardeio” de informações pode ter como consequência a alienação e o consumo da informação sem crítica, indo contra os preceitos da grande maioria das escolas, que é formar o cidadão consciente e crítico. O crescimento da urbanização também tem sido responsável pelas transformações dos estilos de vida e, conseqüentemente, modificando os estilos educacionais. O momento da educação exige muita imaginação para criar o novo. O modelo educacional tradicional mostra-se retrógrado e as novas propostas não devem atender somente às classes dominantes, mas também devem se referir aos excluídos do sistema.

O essencial do trabalho educativo é garantir a possibilidade do homem tornar-se livre, consciente, responsável a fim de concretizar sua humanização. E para isso, tanto a escola como as demais esferas sociais devem proporcionar a procura, a investigação, a reflexão, buscando razões para a explicação da realidade, uma vez que é através da reflexão e do diálogo que surgem respostas aos problemas.

Somente um sistema que pregue e realmente concretize a igualdade entre indivíduos, sem desrespeitar suas particularidades, poderá contemplar a formação integral do “ser social”. Da mesma forma que, depende de uma educação de qualidade a possibilidade de termos uma sociedade mais justa, em que a ética exista e se firme enquanto ciência da conduta entre os sujeitos.

Paulo Freire diz em uma de suas principais obras que o oprimido, caso alcance um padrão de vida elevado, um dia irá reproduzir a opressão. Essa observação que Freire faz torna-se importante para que a sociedade fique atenta às humilhações que os que tiveram poucas oportunidades sofrem no trabalho. Se a escola tornar-se, de fato, um espaço democrático e suficientemente neutro, ela já estará cumprindo seu papel social e a vida dos futuros trabalhadores poderá ser mais digna.

A participação da família na vida escolar do aluno torna-se algo imprescindível. Por mais que seja difícil de consegui-la a escola nunca pode desistir dessa aproximação, pois uma relação mais próxima entre escola e família é e sempre será um fator importantíssimo na educação. Portanto, toda e qualquer visita

da família à escola deve ser muito bem recebida e trabalhada, para que os familiares se sintam realmente importantes e necessários ao espaço educativo.

É indispensável à escola, portanto: Socializar o saber sistematizado; fazer com que o saber seja criticamente apropriado pelos alunos; aliar o saber científico ao saber prévio dos alunos (saber popular); adotar uma gestão participativa no seu interior; contribuir na construção de um Brasil como um país de todos, com igualdade, humanidade e justiça social.

A educação não alienada deve ter como finalidade a formação do homem para que este possa realizar as transformações sociais necessárias à sua humanização, buscando romper com os sistemas que impedem seu livre desenvolvimento.

A escola tem um papel determinante na formação de um cidadão capaz de fazer escolhas e tomar decisões que terão impacto em sua vida pessoal e também na sociedade. Os conteúdos devem ser, portanto, relevantes e significativos do ponto de vista social para formar um estudante participativo e que se responsabilize pelo próprio saber, capaz de dar continuidade aos seus estudos de forma autônoma.

Conclui-se que a função social da escola é um compromisso com a formação do cidadão e da cidadã e com o fortalecimento dos valores de solidariedade, ou seja, um compromisso com a transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, História da Educação e da Pedagogia, Geral e Brasil, ISBN 85-16-05020-3, terceira edição, Editora Moderna Ltda., 384 páginas, São Paulo, 2006.
- BERNSTEIN, Basil (1974). *Class, codes and control. Volume I. Theoretical studies towards a sociology of language* (2ª ed.). London: Routledge & Kegan Paul.
- BOMBASSARO, L. C. As fronteiras da epistemologia: como se produz o conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1992.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-CLAUDE. *A Reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. MEC. CURY, Carlos Roberto Jamil. Flexibilidade e avaliação na LDB.
- DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. [tradução Eduardo Brandão]. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- FREITAG, Bárbara. Educação, estado e sociedade. 4. ed. rev. São Paulo: Moraes, 1980.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e a crise do capitalismo real. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.
- GADOTTI, Moacir. *Escola Cidadã*. São Paulo: Editora Cortez, 1997.
- GAMBOA, Silvio A. S. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, Ivani (Org.). In: Metodologia da pesquisa educacional. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 91-115.
- ILLICH, I. (1974). *Educação sem Escola?* Lisboa: Editora.
- ILLICH, I. (1973). Inverter as Instituições. Lisboa: Moraes Editores.
- KRUPPA, Sonia M. Portella. Sociologia da educação/ Sonia M. Portella Kruppa. – São Paulo: Cortez, 1994. – (Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor)

LIBÂNEO, J.C.: Democratização da Escola Pública: a Pedagogia crítico social dos conteúdos 152 PÁGS 19ª Ed. Editora: Distribuidora Loyola.

NOGUEIRA, M. A. & NOGUEIRA, C.M.M. Bourdieu e Educação. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 128 p.. (Pensadores & Educação, v. 4)

PARELIUS, Robert; PARELIUS, Ann (1987). *Sociolgy of education*. [On-Line]. Disponível em: <<http://www-rci.rutgers.edu/~robpar/SOE.html>>. Acesso em 22 abr. 2012.

PISTRAK, M.. Fundamentos da escola do trabalho. São Paulo. Ed. Quarta. 2005.

RODRIGUES, Alberto Tosi. Sociologia da educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. 6. Ed.

SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. 33ª.ed. São Paulo: Autores e Associados, 2000.

TRABALHOS ACADÊMICOS: Normas da ABNT. Disponível em <<http://www.firb.br/abntmonograf.htm>>. Acesso em 28 abr. 2012.

Site:

<http://www.ipea.gov.br/portal/>. Acesso em 17 mai. 2012.

ANEXO

Roteiro de Entrevista com os professores

- 1) Há quanto tempo você trabalha nessa escola? E há quanto tempo está no magistério?
- 2) Qual é a função social da escola? O que a escola representa socialmente?
- 3) O que é a escola para você?
- 4) Quais são as suas sugestões para melhoria do processo educativo da escola?
- 5) Como você percebe a relação da escola com a família, com a comunidade e com a sociedade?
- 6) Como você avalia o cumprimento da função social da escola pela sua escola?

() RUIM () REGULAR () BOM () MUITO BOM ()
ÓTIMO

PARTE III
PERSPECTIVAS FUTURAS

Como a vida de universitário pôde contribuir para minha vida pessoal e profissional? Não é tão simples responder a essa pergunta. Ser estudante de umas das mais renomadas Universidades do país é uma grande responsabilidade para nós estudantes. Valorizar o nosso diploma é uma de nossas responsabilidades como futuros profissionais.

Eu, apesar de ter feito meu curso em apenas sete semestres pude aproveitar grande parte das coisas que a UnB tinha para me oferecer. Participei de vários eventos que contribuíram para minha decisão de seguir carreira pública, pois as instituições privadas já têm quem olhe por elas, ao contrário da maioria das instituições públicas, que estão sucateadas.

Como já foi dito em meu Memorial, a minha vida sempre esteve ligada com o meio público. Portanto, desejo continuar envolvida com instituição pública.

Fazer a diferença daqui pra frente é o meu grande desejo, seja atuando na área de educação diretamente ou não. Meu objetivo inicial é conseguir passar em um bom concurso e, posteriormente, seguir com o mestrado na área de Sociologia da Educação.

Penso em fazer uma segunda graduação para adquirir conhecimento de outras áreas também. Pois acredito que o ser humano sempre está em transformação e não pode se estagnar. Conhecer outras áreas faz parte do indivíduo que deseja crescer como ser cultural e atuante socialmente e esse é um dos meus grandes objetivos.